



O INTIMISMO CONFSSIONAL EM MÁRIO DE ANDRADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA SALA DE AULA

Nilson de Sousa Rutizat (1); Elaine Perpétua Dias Martins (1); Francilda de Araújo Inácio (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), elaine_martins28@hotmail.com, brasialemo@gmail.com, araujo.francilda@gmail.com.

Resumo: Autor inserido na chamada “fase heroica” do Modernismo brasileiro (1922 – 1930), Mário de Andrade possui uma obra rica, representada por poemas, romances e contos. E é esse último, o conto, que elegemos como objeto de análise do presente trabalho, cujo objetivo é explorar o eu intimista e confessional que narra os *Contos Novos* (1947), especificamente o conto “Frederico Paciência”, que revela muito o intimismo confessional do narrador. Partindo desse ponto, apresentamos uma proposta metodológica para o trabalho com o referido conto em sala de aula, à luz da estética da recepção. Para melhor embasamento teórico, apoiar-nos-emos nos estudos de Inácio (1993) e Paulillo (1983), que fizeram uma análise primorosa do livro. A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica de estudiosos que abordam a obra de Mário de Andrade, foi feita também a análise do com conto “Frederico Paciência” e apresentamos uma proposta metodológica para abordagem desse conto em turmas do Ensino Médio. Esperamos construir, com esse estudo, um olhar para o Mário de Andrade contista e despertar nos professores o interesse de abordar esses “contos” em sala de aula, trazendo para seus alunos, um Mário além da Semana de Arte Moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade, Contos, Ensino.

INTRODUÇÃO

Em 1922 realizou-se em São Paulo a Semana de Arte Moderna, a primeira manifestação coletiva de artistas brasileiros. Eram jovens fortemente influenciados pelas vanguardas europeias. Mário de Andrade também manifesta essa influência, apesar de nunca ter ido para fora do país, mas, conforme Rezende (2002), o autor conheceu algumas correntes estéticas europeias através da leitura de revistas estrangeiras.

O Modernismo brasileiro foi influenciado pelo Futurismo, mas não era totalmente futurista, pois, comparadas às vanguardas europeias, as estripulias dos modernistas brasileiros foram serenas: além de não chegarem a negar as obras do passado, os modernistas ainda sofriam um pouco da influência do passado artístico, apesar da ruptura com o academismo. De acordo com Rezende (2002), devemos considerar como uma influência futurista a exaltação da máquina, a velocidade, a valorização do meio urbano, a agressividade, entre outras características comuns entre os escritores brasileiros de 1922.



Apesar de o tema ser muito tentador, não é sobre ele que iremos tratar neste artigo. Vamos aqui falar do Mário de Andrade Contista: mais especificamente sobre o Mário de Andrade de *Contos Novos* (1947).

O gênero conto é caracterizado por uma narrativa curta e que se diferencia dos romances não apenas pelo tamanho, mas também pela sua estrutura: há poucas personagens, nunca analisadas profundamente; há acontecimentos breves, sem grandes complicações de enredo, e há apenas um clímax, no qual a tensão da história atinge seu auge.

Os contos de Mário de Andrade foram produzidos em fase posterior à radicalização da Semana de 22. Em *Contos Novos* (1947), especificamente, o autor se revela “[...] um contista soberano na fixação do tema expressivo, na dosagem da emoção, na arte sutil da composição literária e nos recursos de estilo” (CANDIDO; CASTELLO, 2001, p. 104).

Para Lopez (2003), seus contos possuem uma pulsação de humanidade tão forte que ultrapassa estéticas e programas. Deste modo, encontramos, em algumas narrativas de *Contos Novos* (1947), um coletivo tão bem articulado à interiorização, que um completa o sentido do outro, mostrando o quanto se engajou nos ideais artísticos que lhe pareciam adequados à renovação artística do país.

Partindo dessa discussão, este artigo busca Identificar o intimismo confessional em Mário de Andrade contista através da leitura do livro *Contos Novos* (1947). Para isso, objetivamos conhecer o Mário de Andrade Contista, além de descrever o eu que narra em “*Contos Novos*”, sobretudo através do conto “Frederico Paciência”, apresentamos também uma proposta metodológica para o trabalho em sala de sala com alguns contos do livro em questão.

O EU QUE NARRA EM CONTOS NOVOS, DE MÁRIO DE ANDRADE

O livro *Contos Novos* (1947), de Mário de Andrade, nos apresenta contos de profunda reflexão. No livro há contos narrados em 1ª pessoa e em 3ª pessoa. Para Inácio (1993), em *Contos Novos* Mário de Andrade desabrocha como contista em sua mais alta expressão, revelando pleno domínio do gênero. Obra madura, fruto de um trabalho esmerado, esses contos constituem uma coletânea de nove narrativas meticulosamente organizadas pelo próprio Mário. Por essa razão, em *Contos Novos* encontra-se a realização mais plena e acabada da sua contística. Neste livro, é possível observar que o narrador faz uso da palavra como um meio de revelar suas mais íntimas verdades, confessando de maneira expressa suas fantasias e desejos.



Rosenfeld (1976) atenta para a existência de uma unidade profunda entre os contos, a ponto de todos eles parecerem variações de um só tema: “o tema do homem disfarçado, do homem desdobrado em ser e aparência” (ROSENFELD, 1976, p.185). Nessa mesma linha de pensamento, Rabelo (1992) também reivindica um caráter orgânico para os *Contos Novos*. Segundo ela, o mesmo fio condutor, embora quase imperceptível, sustém as narrativas.

Apesar de se tratar de uma obra em que cada conto narra uma história com características próprias, é possível observar um diálogo persistente entre um conto e outro, seja pelo protagonista ou pelo caráter intimista de seus personagens, e ainda através da repetição de personagens, pois em alguns contos encontramos personagens de contos anteriores, o que imprime um caráter de continuidade e comprova o que dissemos aqui acerca do diálogo existente entre essas narrativas.

Nestes contos é possível perceber a busca do intimismo das personagens, que ocorre mediante variados procedimentos narrativos, conforme registra Paulillo:

o memorialismo dos contos evocadores da infância e da adolescência (“Vestida de preto” e “Tempo de camisolinha”, principalmente); a (de)cifração metafórica dos anseios sexuais de uma professora (“Atrás da catedral de Ruão”); a narração objetiva, direta das relações antagônicas entre um fazendeiro e seus peões (“O Poço”); o relato quase „behaviorista“ de um homem sem nome (“Nelson”). (PAULILLO, 1992, p. 10).

Em *Contos Novos*, o narrador empresta ao enredo maior vigor dramático, já que mergulha na realidade social e psíquica do homem brasileiro. Lafetá (1982), aponta que *Contos Novos* representam o momento mais intimista, mais confessional do autor, e neles se observa uma atmosfera de intensa vibração lírica e poética. Com eles Mário de Andrade atingiu “a técnica mais apurada do contador de casos, escrevendo em estilo desenvolvido e preciso, reconstituindo e transfigurando, ora de forma irônica, ora de forma pungente e comovida, episódios pertencentes à sua própria biografia”. (LAFETÁ, 1982, p. 106).

A narração de 1ª pessoa, segundo Dal Farra (1978), acaba por se impor como a forma mais verossimilhante de ficção, já que se expõe como “confissão autobiográfica”. Em *Contos Novos*, vimos isso nos contos narrados em 1ª pessoa, uma mistura do eu autor com os personagens que se retem nesses contos, são personagens com construção biográficas, tanto que os contos parecem revelar o cotidiano do autor, isso porque a repetição dos personagens é constante como: Juca, Tia Velha, Joaquim Prestes, Carlos e Marias.

Considerando a natureza tênue do limite entre autor e personagem, assim como são os espaços entre ficção e realidade, segundo Rosenfeld (1976), em Mário de Andrade, essas



demarcações ficam ainda mais sutis, se considerarmos que a sua busca, assim como a do modernismo, centraliza-se na “sinceridade”, na “auto-expressão imediata, elementar, espontânea”. Seus versos devem expressar a “paisagem do meu eu profundo”, confessando “o mato impenetrável do meu ser”, sem atrapalhar, portanto, “a naturalidade livre do lirismo”.

O OLHAR DO NARRADOR NO CONTO “FREDERICO PACIÊNCIA”

No conto “Frederico Paciência” é narrado a amizade entre dois jovens rapazes, o narrador, Juca, feio e fraco, como ele mesmo se define, e Frederico, exuberantemente belo (“Mais que beleza era vitória.”), cheio de saúde, musculoso, dotado de perfeição moral e física. O limite entre a amizade e o afeto, que já aparece como uma semente de amor, será aos poucos traçado com sensibilidade, que avança e recua, cheio de temores, angústias, carícias, até um beijo, que aponta para o erotismo no conto, mas que é barrado pelo medo da transgressão que tal ato representava.

Percebemos que o conto “Frederico Paciência” tem em seu primeiro parágrafo dois períodos que são finalizados por reticências, sugerindo certa hesitação do narrador, ou certa demora dele na contemplação de fatos que deveriam ser narrados naquele momento.

O fato que o narrador busca relatar representa a transgressão de valores da sociedade da época, pois sabemos que o conto discorre sobre uma amizade excessiva, que apresenta excesso de afetividade, que a aproxima da vivência homossexual; trata-se de uma experiência conflituosa ou de confronto do desejo com fenômenos externos, em algum momento. O pai morto de Frederico representa um desses fenômenos que se interpõe entre o desejo de Juca e Frederico de se beijarem.

E assim, por não se consumir a experiência homossexual entre os amigos, a homossexualidade se esvai num conjunto de vagas impressões que atormentam o narrador, como é possível ver no seguinte trecho do conto: “... essa confusão com a palavra ‘paciência’ sempre me doeu mal-estavelmente. Me queima feito uma caçoada, uma alegoria, uma assombração insatisfeita.”

Com a morte do pai de Frederico, Juca se afasta do amigo, pois Frederico vai embora para outra cidade. Esse afastamento dos dois gera desconforto em Juca, mas ao mesmo tempo alívio, já que Juca se via livre daquele que provocava seu instinto transgressor. O desejo fica no passado e a distância e o tempo fazem com que eles se afastem cada vez mais. O narrador, no entanto, parece reviver toda a experiência no momento em que relata os acontecimentos.



A linguagem utilizada neste conto nos revela um narrador que tenta relatar acontecimentos íntimos e cheios de conflitos internos e externos. Essa linguagem não flui naturalmente, revelando a sua dificuldade em analisar a complexidade daquele relacionamento cheio de desejos e conflitos, e essa linguagem revela a falta de domínio do narrador das emoções causadas pelos fatos narrados.

Talvez seja esta narrativa a que apresente, dentre os quatro contos do conjunto, a estrutura mais marcada por interrupções. Inácio (1993) afirma que isto se dá, possivelmente, “pela delicadeza do assunto” que o envolve. O que, de certa forma, confirma o fato de ser este “um conto difícil”. A voz emocionada se expressa em palavras que se repetem obsessivamente: “Então eu quis morrer. Se Frederico Paciência largasse de mim... Se se aproximasse mais... Eu quis morrer (...) Quis morrer. (p.146). “Rico está me chamando, eu vou. Eu vou. Eu preciso ir. Eu vou.” “E quando me negaram, eu sei, fiquei feliz, feliz.” (p.157). Em meio a impulsos dúbios, as antíteses aparecem sem reservas. Sentenças adversativas bem dizem dos sentimentos antagônicos do narrador. Uma delas (“Puro. E impuro.”) figura quase como um refrão.

Em análise feita desse conto, Inácio (1993) afirma que por não ‘dominar’ a realidade enunciada, o narrador não consegue manter-se ‘de fora’; sua ótica subjetiva interfere na análise dos fatos. Num movimento torturado, ele interpõe, ao relato, seu discurso reflexivo e, ao fazê-lo, dá mostras de que não consegue distanciar-se do passado, que se presentifica e ressurgue “atual”, no momento da enunciação. O narrador demonstra não querer apenas evocar o passado, mas, sobretudo, nele intervir, avaliando-o, na tentativa de desvelar as significações ocultas das experiências.

METODOLOGIA

A pesquisa ora apresentada resulta da realização de leituras sobre Mário de Andrade e sobre sua obra, sobretudo, seus contos. Além disso, foi feita a leitura do livro *Contos Novos* (1947), do autor, e de críticas literárias que contemplavam o livro como objeto de análise. Segue, além da análise do conto “Frederico Paciência”, a proposta metodológica para a abordagem dos contos do livro em sala de aula, à luz da estética da recepção.

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA SALA DE AULA: CONTOS NOVOS



A proposta aqui descrita deve ser desenvolvida, preferencialmente, em turmas do Ensino Médio. Deve-se explicar aos alunos no que consiste e qual o objetivo da Proposta metodológica de estudo de contos sob a perspectiva da Estética da Recepção. Nessa fala, entre outras coisas, deve-se deixar claro aos alunos o conceito de horizonte de expectativa. Também é preciso apresentar os conceitos de receptividade, concretização, ruptura, questionamento e assimilação, processos que eles devem compreender para chegar ao objetivo do trabalho, de expansão dos seus horizontes de expectativas.

DETERMINAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS – CINCO ETAPAS

Etapa 1: Antes de se trabalhar com o conto em sala de aula, é preciso fazer uma breve sondagem para identificar o gosto literário dos alunos.

Etapa 2: Solicitar aos alunos que pesquisem na biblioteca alguns textos de que eles gostem para que possam ler na sala de aula.

Etapa 3: A partir da leitura desses textos abre-se a discussão sobre o conto e as características desse gênero. Além de apresentar o gênero conto, é preciso fazer comparação com os gêneros que os alunos escolheram para ler.

Etapa 4: Após apresentar o gênero conto e comparar com os demais gêneros trazidos pelos alunos, o professor deve propor a leitura coletiva do conto “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade.

Etapa 5: Abre-se uma discussão sobre as características do conto.

ATENDIMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS (2ª Aula)

Parte 1: Solicitar aos alunos que digam se gostaram ou não do conto lido.

Parte 2: Discutir sobre o Conto:

- Quem é o eu que narra nesse conto?
- Qual o olhar do narrador no conto em questão?
- De que maneira esse narrador conta essa história? E porque ele sente dificuldade em relatar alguns acontecimentos?
- Qual o tema principal do conto?



RUPTURA DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS (3ª Aula)

Etapa 1: Apresentar aos alunos o livro *Contos Novos* (1947), de Mário de Andrade, especialmente os outros contos narrados em 1ª pessoa e que tem Juca como protagonista.

Etapa 2: Dividir a sala em três grupos e propor-lhes que escolha um conto que tenha Juca como protagonista para lerem.

Etapa 3: Propor-lhes que leiam as duas primeira páginas do conto escolhido.

Etapa 4: Após a leitura, pedir para que cada grupo faça uma análise comparativa do Juca do conto “Frederico Paciência” com esse Juca que eles começaram a conhecer nesses novos contos.

QUESTIONAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS (4ª Aula)

Partindo da análise dos grupos sobre o personagem protagonista dos contos narrados em 1ª pessoa do livro *Contos Novos*, o professor deve fazer comentários sobre cada análise, explicando o fio que liga um conto ao outro e, além disso, deve-se explicar que os contos deste livro sempre dialogam entre si, até mesmo os narrados em 3ª pessoa.

Propor aos alunos que se dividam em quatro grupos, cada grupo ficará responsável por fazer uma análise mais profunda de um dos contos narrados em 1ª pessoa do livro *Contos Novos*. Para que não haja conflito, o professor sorteará os contos. Essa análise deve ser feita em casa e trazida para escola.

AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS (5ª Aula)

Nesse último momento, os grupos apresentarão para toda a sala o resultado de suas análises. A apresentação será feita do tipo mesa redonda. O professor fará interferência quando achar necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos o Mário de Andrade contista e seu livro *Contos Novos*, publicado em 1947. Diante dessas inúmeras possibilidades de abordagem de sua obra, escolhemos a



dos *Contos Novos* em busca de identificarmos o “Eu” que narra nesse livro, mas, sobretudo, nos detemos no narrador do conto “Frederico Paciência”.

Contemplamos esse conto como objeto de análise, através da qual percebemos um tom reticente, marcado pela confissão, quase biográfico. A história explora o mais íntimo dos personagens, expondo seus desejos que nunca são ditos, o medo, a repressão, o conflito interno e externo vivido pelos personagens.

Por fim, apresentamos uma proposta metodológica, à luz da estética da recepção, para se trabalhar o conto “Frederico Paciência” com turmas do Ensino Médio, preferencialmente, do 3º ano. É importante dizer que, ao se trabalhar o conto em sala de aula, por mais extenso que esse pareça, a leitura deve ser feita na íntegra com a participação de todos os alunos. Entendemos que resumos, fichamentos e resenhas são importantíssimos, mas essas ferramentas só devem ser utilizadas após a leitura do objeto analisado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de, 1893-1945. **Contos Novos**. Mário de Andrade; estabelecimento do texto Hugo Camargo Rocha e Aline Nogueira Marques – 2. ed. /Rio de Janeiro: Ediouro Lazer e Cultura, 2012/ 192 p.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Alfredo. Apresentação. In: DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira**. São Paulo: Ática, 1978.

CANDIDO, A.; CASTELLO. **Presença da literatura brasileira/Modernismo História e antologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

INÁCIO, Francilda Araújo. **Memória e Desejo em Contos Novos, de Mário de Andrade**. (Dissertação de mestrado). João Pessoa: UFPB, 1993.

LAFETÁ, João Luís. (Org.) **Mário de Andrade**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Um contista bem contado**. In: _____ (Org.). Mário de Andrade. 7. ed. São Paulo: Global, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa I: formas em prosa; o conto; a novela; o romance**. São Paulo: Cultrix, 2003.

PAULILLO, Maria Célia de Almeida. **Contos da plenitude**. In: ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. São Paulo: Villa Rica, 1983.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REZENDE, Neide. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Ática, 2002.

RABELO, Ivone Daré. Histórias de Mário. **Tentativa da interpretação do contista Mário de Andrade**. In: Letterature D`America - rivista trimestrale - n. 56, Roma: Bulzoni, 1994.

ROSENFELD, Anatol. **Mário e o cabotinismo**. In: _____. Texto/contexto. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 1976.